

A PAIXÃO DO JOVEM WERTHER

JOHANN WOLFGANG VON GOETHE

A PAIXÃO DO JOVEM WERTHER

Tradução e notas

TERESA SERUYA



APRESENTAÇÃO

A história e as histórias de *Werther*

1. O contexto literário

A «cultura da sensibilidade» (*Empfindsamkeit*), que marca a segunda metade do século XVIII alemão, manifestou-se, nas camadas letradas e cultas, por uma marcada preferência pela autobiografia e pelo género epistolar. Comunicar e partilhar sentimentos, vivências e reflexões passou a ser bem mais interessante do que as histórias de deuses ou de heróis clássicos. Precursores europeus oriundos de culturas com maior visibilidade na época do que a alemã, como as de língua inglesa e a francesa, eram fervorosamente seguidos: Samuel Richardson, com *Pamela, or Virtue Rewarded* (1740) e *Clarissa Harlowe* (1747/1748), ou J. J. Rousseau com *La Nouvelle Héloïse* (1759). O próprio Goethe lhes reconhece a influência. Porém, o seu *Werther* não iria aparecer em terreno virgem. Já eram património da literatura alemã, neste campo, *Das Leben der schwedischen Gräfin von G.* (1747/1748), de G. F. Gellert; *Sophiens Reise von Memel nach Sachsen* (1769-1773), de Hermes, e, sobretudo, *Das Fräulein von Sternheim* (1771), de Sophie von La Roche, amiga de

Goethe, que a admirava e respeitava, tendo visitado a família em 1772, quando La Roche gozava o sucesso do seu livro.

O romance de Goethe (1749-1832), que hoje integra o cânone universal do gênero, apresenta algumas inovações: em vez de diálogos entre os apaixonados, as cartas de Werther ao amigo Wilhelm são verdadeiros monólogos, em que o destinatário é mais um pretexto para a forma da carta do que um interlocutor. O próprio autor, porém, viria a reconhecer na sua grande autobiografia *Dichtung und Wahrheit* [Poesia e verdade] (1811-1833) que a sequência das cartas evidencia uma estrutura dramática, com exposição, clímax e catástrofe (o suicídio do protagonista), para onde toda a «ação» se encaminha consequente e necessariamente. E pode falar-se ainda numa clara dimensão romanesca quando Goethe consegue integrar a história do seu (anti-)herói em quadros bem vivos da emergente sociedade burguesa da época — rigidamente estratificada, preconceituosa, exclusiva, sem lugar para a multifacetada singularidade de Werther, para a sua tumultuosa vida interior e a sua paixão por Lotte, prometida a outro. Tinha, assim, nascido o romance alemão moderno. Moderno ainda no encaideamento não causal das cartas e episódios narrados, moderno na montagem de material heterogêneo como seja a poesia de Ossian, ou o relato e o testemunho de Kestner. Moderno ainda no ceticismo perante a competência expressiva da linguagem, que decorre, é certo, do inconformismo e rebeldia do autor das cartas — para quem as palavras não são instrumento, antes o espelho da sociedade que rejeita.

Goethe nunca renegou o cunho autobiográfico e confessional do seu romance. Conforme se aludiu acima, os assuntos do coração estavam na moda. Ouçamo-lo explicar a popularidade do romance epistolar na época: «reinava uma tal sinceridade entre as pessoas que não se podia falar ou escrever a ninguém em privado sem contemplar que o destinatário seria plural. Espiava-se o próprio coração e o dos outros e, perante a indiferença dos governos perante um tal convívio, dada a rapidez geral da posta dos Taxis, a segurança do lacre e os custos aceitáveis, este intercâmbio moral e literário depressa se propagou» (Goethe 1982, vol. 9: 558)¹.

2. O fundo autobiográfico da obra:

Em meados de maio de 1772 o jovem jurista de Frankfurt Johann Wolfgang Goethe, de 23 anos, vai estagiar para um tribunal de primeira instância na cidade de Wetzlar, na região do Hessen, não alimentando ilusões quanto à infecundidade do ambiente ali reinante para a sua atividade literária, ainda a iniciar-se. Contudo, de um dia para o outro, o acaso pôs fim à insipidez de Wetzlar. Durante um baile, Goethe reencontra J. Chr. Kestner (1741-1800), o secretário da nunciatura de Hanôver que conhecera uns dias antes, agora na companhia da noiva Charlotte Buff (1753-1828), por quem logo se prende de amores. Nasce

¹ É-se forçado a suprimir este passo da carta, para não dar a ninguém razão para certas queixas. Embora, no fundo, um autor não possa estar interessado no juízo isolado de uma rapariga e de um jovem volúvel.

então não só uma amizade sólida e duradoura como um singular «ménage à trois», pois o noivo e o rival estimam-se e o rival frequenta a casa da família dos Bufs. Mas a situação cai num impasse e Goethe acaba por abandonar Wetzlar, despedindo-se dos noivos apenas por carta.

Outro triângulo amoroso preencheu a monotonia de Wetzlar: o que se estabeleceu, no mesmo verão de 1772, entre Karl Wilhelm Jerusalem (1747-1772), secretário da nunciatura de Braunschweig, e o jovem casal dos Herds, ele também secretário da nunciatura. Amigo e discípulo do grande crítico e dramaturgo Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781), o fundador e teorizador do moderno teatro alemão, Jerusalem era pouco inclinado a compromissos com o espírito feudal reinante nos meios jurídicos de Wetzlar, e aliava ao convívio social com os Herds a paixão pela recém-casada Elisabeth. Após a ousadia de uma confissão de amor, Jerusalem é expulso de casa dos Herds. No dia seguinte, envia o criado a Kestner para lhe pedir as pistolas, invocando uma viagem. Sendo na altura comum viajar armado, o pedido foi satisfeito com naturalidade. Jerusalem suicida-se na noite de 29 para 30 de outubro. Goethe, impressionado com o sucedido, pediu a Kestner um relato circunstanciado dos acontecimentos, que viria a utilizar no romance, por vezes literalmente. Na sua autobiografia, refere-se a Jerusalem com grande benevolência (*Ibidem*: 544s.), embora nunca o tivesse conhecido de perto.

Não se ficam por aqui os triângulos amorosos nesta história de amor no Ocidente. Tendo deixado Wetzlar, Goethe combina encontrar-se em Koblenz com o amigo

Merck, em casa da família dos La Roche. Aí não resiste aos olhos de Maximiliana, a filha mais velha, logo trocando os olhos azuis de Lotte Buff pelos negros de Max, como lhe chamavam na intimidade. Cerca de dois anos depois a jovem Max torna-se a segunda mulher do comerciante Peter Brentano, vinte anos mais velho e pai de cinco filhos. Criada num ambiente intelectual e literário, não lhe foi fácil adaptar-se à nova vida em Frankfurt, pelo que o convívio com Goethe não foi interrompido. O poeta, que nunca primara pela modéstia, considerava-se «o único» no círculo de visitas da casa com quem a jovem senhora podia cultivar as afinidades espirituais a que estava habituada (*ibidem*: 586). Brentano, porém, não tinha a benevolência de Kestner, pelo que Goethe foi ostensivamente declarado *persona non grata*...

Podia ainda recordar-se que, quando Goethe estava a trabalhar na segunda versão do *Werther*, em Weimar (1786), mantinha com Charlotte von Stein uma relação semelhante à que mantivera com a Charlotte de Wetzlar.

3. Edições

Segundo o seu próprio testemunho, Goethe iniciou a escrita do romance a 1 de fevereiro de 1774, terminando-a em abril. A primeira edição, publicada em outubro de 1774 na editora Weygand, de Leipzig, esgotou-se rapidamente e fez do seu autor uma celebridade europeia. À primeira tradução francesa (1775) seguiu-se a inglesa em 1779 e a italiana em 1781. Logo no ano de 1775, Himburg, editor de Berlim, começou a publicar ilegalmente a obra de

Goethe, abrindo com *Werther*. Porém, não se coibiu de introduzir alterações, incluindo ajustamentos ao dialeto berlinense e erros vários. Quando Goethe, em 1781, começou a rever o texto para uma edição dos seus escritos planeada por si próprio, não possuía nenhum exemplar da Weygand, pelo que recorreu ao de Himburg, que corrigiu — de acordo com a sua vontade e sem ceder às pressões do amigo Kestner, que, perante a evidência dos «modelos» de *Werther*, entretanto do domínio público, se sentiu lesado com alguns episódios, não só pelos traços antipáticos da personagem Albert, como por certas atitudes de Lotte que em nada assemelhavam-se à sua noiva real. Foi a versão corrigida de Himburg que serviu de base à edição de 1787, para a qual Goethe, aliás, nem as provas reviu. Foi esta a versão sucessivamente impressa nos quarenta e cinco anos que Goethe ainda viveu.

4. O autor sobre a sua obra

Interessa sobretudo recordar as reflexões da maturidade. Em 1812-1813 Goethe dedicará várias páginas da sua autobiografia à génese de *Werther*. Refere-se a influências literárias (a literatura inglesa, Shakespeare e *Hamlet*, Young, Gray, Ossian), interpreta a moda epistolar da época e procede, inclusive, a uma análise introspectiva do seu estado de espírito de então. O jovem Goethe encarava a vida como um «fardo repugnante» e o tédio daí decorrente encaminhava-o para pensamentos suicidas, «mais frequentes em seres que pensam e se voltam para si próprios». Ora, o «gosto da vida» baseia-se no «retorno regular das coisas

externas» (o dia e a noite, as estações do ano, por exemplo), a que chama também o «verdadeiro móbil da vida terrena». Acontece, porém, que Goethe vai agora considerar o retorno do amor (depois do «primeiro amor», que sempre se julga irrepetível) a principal fonte do *taedium vitae*, por destruir a ideia de eterno e de infinito que se julgou experimentar a primeira vez (*ibidem*: 578s.). Outro sintoma considerado inquietante é a separação entre a sensualidade e o amor, de que, aliás, a personagem Werther não é capaz. Para este, o amor tem um significado religioso, permite apreender o infinito no finito. Na linha de secularização da religiosidade, e ao contrário de Dante, da Idade Média e mesmo de Rousseau, Werther encara o amor como um todo, um absoluto, não separando o terreno do divino.

Ao tempo da sua estada em Wetzlar, Goethe confessava-se atacado pelo tédio vital ao ponto de lhe ter sido difícil «escapar às ondas da morte» (carta a Zelter, 3/12/1812), razão para refletir sobre este «acontecimento da natureza humana» que é o suicídio, tão «antinatural» que é preciso recorrer a «meios mecânicos» para a pessoa se «separar de si próprio[a]» (*ibidem*: 583s.). Em vez de usar o punhal que tinha sempre à mão, escreveu um romance..., onde trabalhou a sua experiência e reflexões, ajudado ainda pelo impacto causado pelo suicídio de Jerusalem.

Um marco sem dúvida curioso na história da recepção de *Werther* foi a audiência que Napoleão concedeu ao seu grande admirador Goethe em Erfurt, em outubro de 1808, e em que se falou desta obra que o ocupante francês já lera sete vezes. Num relato do encontro escrito em 1824, Goethe regozija-se com os comentários pertinentes que

o imperador fez à obra, sobretudo a um determinado passo, considerado por ele não de acordo com a natureza (Eckermann 1981: 506s.). O mesmo aconteceu perante o chanceler Von Müller, a quem Goethe contou também a conversa, mais tarde reproduzida nas memórias daquele, adiantando-se aqui que a crítica de Napoleão tem que ver com passos em que o autor alemão teria misturado o «orgulho ofendido» com o «amor apaixonado», o que «enfraquece no leitor a ideia da influência todo-poderosa do amor em Werther» (Goethe 1982, vol. 6: 537s.). Goethe concordaria com o reparo e justificar-se-ia com os artifícios literários exigidos para a criação de determinados efeitos.

Em 1824 proporcionou-se um reencontro com *Werther*. Na conversa com o confidente Eckermann acima referida, afirma ter relido a obra apenas uma vez desde a sua publicação, por receio dos seus próprios abismos ao confrontar-se com aquele produto de juventude: «Tive uma sensação estranha e inquietante e receio voltar a passar pelo estado patológico que lhe [ao livro] deu origem» (Eckermann 1981: 506). Mas se, por um lado, Goethe liga a obra à sua história pessoal, por outro sublinha que todos temos na vida um tempo wertheriano, pois sendo o sentido da natureza e da liberdade inato, alguma vez teremos de enfrentar um «mundo envelhecido» onde teremos de aprender a mover-nos (*ibidem*: 507). Os receios referidos podem ter que ver com a sua recente paixão não correspondida pela jovem Ulrike von Reventlow, de apenas 17 anos, ocorrida em Marienbad no ano anterior. É nela que Goethe poderia estar a pensar quando teve de corrigir as provas tipográficas de *Werther* de uma nova edição que a Weygand lhe pedira, para comemorar o cinquentenário da primeira.

Em lugar de um prefácio, figura nesta edição o poema *An Werther*, depois integrado como texto introdutório em *Trilogie der Leidenschaft* [Trilogia da paixão]. Agora, o velho Goethe fala da paixão como algo que põe em perigo a juventude. O tom das palavras que dirige a Werther é cético e resignado, à mistura com algum sarcasmo e amargura (tradução de Paulo Quintela):

Sensível me sorris, como convém, Amigo:
Partida horrenda foi que te deu fama;
[...]
Depois a estrada incerta das paixões
De novo nos chamou qual labirinto;
Enredados em dores repetidas,
Na partida por fim — partir é a morte!
Como é comovedor quando o poeta canta
Pra evitar a morte que a partida traz!
(Goethe 1979: 211)

5. Notas sobre a história da recepção de *Werther*

Foi uma história longa e muito diversificada. Pode falar-se em distanciamento crítico e irônica da parte dos velhos «*Aufklärer*» como Lessing, no apoio entusiástico da jovem geração pré-romântica do *Sturm und Drang*, na rejeição clara da parte do clero ortodoxo. O amigo Friedrich Schiller considerou Werther a típica personagem sentimental no seu célebre ensaio de teoria poética *Über naive und sentimentale Dichtung* [Sobre poesia ingênua e sentimental] (1795): Werther é representativo do homem moderno, dissonante de si próprio, desiludido e infeliz nas suas experiências

com a humanidade. Já a politização da literatura defendida pela Jovem Alemanha (na década de 30 do século XIX, sendo Heine o seu principal expoente) preferia ressaltar a crítica social a traços típicos da sociedade burguesa alemã do século XVIII.

Muitos foram ainda os romances, dramas, óperas (a mais justamente famosa seria a de Jules Massenet, estreada em Viena em 1892), paródias e farsas que reagiram ao mais famoso romance epistolar em língua alemã. Ficou conhecida a paródia do livreiro berlinense C. F. Nicolai *Freuden des jungen Werther* [Alegrias do jovem Werther] (1775), em que as pistolas estão carregadas com sangue de galinha e Albert renuncia a Lotte. Até ficou para a história um certo espetáculo de fogo de artifício em Viena (1781): *Werthers Zusammenkunft mit Lottchen im Elysium* [O encontro de Werther com Lottinha no Eliseu], da autoria de Josef Melline. Mas há apenas um suicídio documentado, o de Christel von Lassberg, que, em 1778, se afogou no rio Ilm com o *Werther* no bolso. Já em *Briefe über die Moralität der Leiden des jungen Werther* [Cartas sobre a moralidade da paixão do jovem Werther] (1775), o dramaturgo J. M. R. Lenz, figura central do *Sturm und Drang*, veio em defesa de Goethe, com quem se relacionou de perto em Weimar, tendo-se os dois, porém, desavindo e seguido cada qual o seu caminho, literário e pessoal. Outros autores como A. C. Stockmann e, em Inglaterra, William James, interessaram-se preferencialmente pelo ponto de vista de Lotte, respetivamente em *Die Leiden der jungen Wertherin* [A paixão da jovem Wertherina] (1775) e *The Letters of Charlotte During her Connexion with Werther* [As cartas de Charlotte durante a sua ligação com Werther] (1786). Ainda fora da Alemanha podia falar-se do impacte da obra nos românticos franceses emigrados após

o Terror (Madame de Staël, Nodier, Chateaubriand), ou do romance epistolar de Ugo Foscolo *Ultime Lettere di Jacopo Ortis* [Últimas cartas de Jacopo Ortis] (1799), de que Goethe gostou tanto que traduziu algumas para alemão.

Justifica-se uma referência especial ao autor da ex-República Democrática Alemã Ulrich Plenzdorff e ao seu grande sucesso *Die neuen Leiden des jungen W.* [A paixão atual do jovem W.] (1972). Aqui se conta a história de Edgar Wibeau, o aprendiz mais capaz de uma empresa estatal de hidráulica que decide passar à clandestinidade para fugir a pressões educativas tanto no local de trabalho como em casa, passando a viver num caramanchão onde, por acaso, encontra uma edição de bolso da obra de Goethe. Certo dia conhece uma educadora de infância a que dá o nome de Charlie, já comprometida com outro, mas por quem se apaixona, contando as suas vivências ao amigo Willi. Quando Charlie se casa, e para evitar novas tensões, vai trabalhar para a construção civil. O seu individualismo, porém, não lhe permite adaptar-se ao espírito coletivista das brigadas de trabalho socialistas, pelo que tenta sobreviver sozinho, até que sofre um acidente mortal ao manejar um aparelho elétrico. Não é difícil imaginar que este final derrotista não podia agradar ao realismo socialista, a doutrina oficial da literatura da ex-RDA, pois a sociedade socialista não podia aceitar um desacerto assim entre as aspirações individuais e as premissas em que aquela assentava.

É justo terminar com a evocação do monumento literário do século xx à memória do *Werther*, e, aliás, do próprio Goethe: o romance de Thomas Mann *Lotte in Weimar*, escrito entre 1936 e 1939, mas só publicado em 1945. Mãe de muitos filhos e já viúva, Charlotte Kestner, Buff quando solteira, regressa em 1816 a Weimar para visitar a irmã,

mas na verdade para encontrar o velho Goethe. As muitas visitas que recebe no pequeno hotel em que fica alojada vão relatando em pormenor o ambiente da cidade, a sua história recente sob a ocupação napoleónica e a vida e o comportamento de diversas personalidades da história e da literatura alemãs, tudo investigado com extremo rigor por Mann. Ressalta a construção da imagem de Goethe, na memória de Charlotte, na imagem que dele têm quem com ele priva na corte e na cidade, na relação castrante com o filho August, na sua polémica relação com Napoleão no clima nacionalista e patriótico das Guerras de Libertação. Enfim, não só um retrato crítico do génio Goethe, mas também um rendilhado vivo de mentalidades e comportamentos na sociedade alemã pós-napoleónica.

Lisboa, em maio de 2012
TERESA SERUYA

Fontes

GOETHE, Johann Wolfgang von (1982), *Werke* (Hamburger Ausgabe), München, dtv, 14 vols.

- *Die Leiden des jungen Werther* (1774; 1787), vol. 6: «Romane und Novellen I», pp. 7-124
- *Dichtung und Wahrheit* (1811-1833), vol. 9: «Autobiographische Schriften I», Livros 12 e 13, pp. 530-546 e 577-593
- *An Werther (Trilogie der Leidenschaft)* (1824-1825), vol. 1, «Gedichte und Epen I», pp. 380-386

GOETHE, Johann Wolfgang (1979), *Poemas*. Antologia, versão portuguesa, notas e comentários de Paulo Quintela, Coimbra, Centelha.

ECKERMAN, Johann Peter (1981), *Gespräche mit Goethe (in den letzten Jahren seines Lebens)* (1836, 1848), org. Fritz Bergemann, o.l., Insel Verlag.

Tudo aquilo que consegui encontrar sobre a história do pobre Werther juntei-o incansavelmente para vo-lo aqui apresentar, sabendo que mo agradecereis. Ao seu espírito e carácter não podereis recusar admiração e amor, nem ao seu destino as vossas lágrimas.

E tu, alma boa, que sentes, como ele, o ímpeto, procura consolo nas suas penas e deixa que este livrinho seja um amigo se, por fado ou culpa própria, não encontrares perto nenhum mais real.

LIVRO PRIMEIRO

4 de maio de 1771

Como estou contente por me ter afastado! Meu caro, o coração do homem sempre é um mistério! Deixar-te a ti, a quem tanto quero, amigo inseparável e, no entanto, estar alegre! Sei que mo perdoas. Não escolheu o destino as minhas outras relações para amedrontar um coração como o meu? Pobre Leonore! E, contudo, eu estava inocente. Que podia eu fazer se a paixão se ia instalando na coitadinha, ao mesmo tempo que os insistentes caprichos da irmã me proporcionavam agradável distração? E, contudo, estarei eu completamente inocente? Não andei a alimentar os seus sentimentos? Não me deleitei com as manifestações bem verdadeiras da natureza que tantas vezes nos faziam rir, por pouco risíveis que fossem? Será que eu não... Mas quem é o homem, para se permitir queixar-se de si próprio? Querido amigo, quero mesmo corrigir-me, prometo-te, não quero mais remoer os pequenos dissabores que o destino põe à nossa frente, como sempre fiz; quero gozar o presente, e o passado, para mim, passado será. Tens razão, caríssimo, é certo que haveria menos dor entre os homens (sabe Deus porque são feitos assim!) se, no incansável

labor da sua imaginação, não se ocupassem a evocar as recordações do mal passado, mas antes a suportar um presente insípido.

Por favor, diz a minha mãe que estou a tratar dos seus assuntos o melhor possível e que, muito em breve, lhe darei notícias. Falei com minha tia, e nem de longe encontrei nela a mulher que dizem ser tão má. É uma pessoa viva, enérgica e de excelente coração. Expliquei-lhe as queixas de minha mãe sobre a parte da herança que não lhe entregaram; ela expôs então as suas razões e motivos, bem como as condições em que estaria disposta a ceder-nos tudo e até mais do que pretendíamos... Mas não quero agora falar mais nisso; diz a minha mãe que tudo vai correr bem. Ao tratar deste assunto, meu caro, cheguei à conclusão de que os mal-entendidos e a indolência talvez tragam mais desatinos ao mundo do que a manha e a perfídia — que são, pelo menos, mais raras.

Quanto ao mais, sinto-me bastante bem por aqui. A solidão é para mim bálsamo precioso neste lugar paradisíaco, e esta estação da juventude aquece plenamente o meu coração, tantas vezes em sobressalto. Cada árvore, cada sebe é um ramo de flores, e dá vontade de ser besouro para poder sobrevoar este mar de aromas perfumados e aí encontrar todo o alimento.

A cidade, em si, é desagradável, mas já os arredores são de uma inefável beleza natural. Por isso o conde de M... plantou um jardim numa das colinas que se cruzam com uma belíssima diversidade de paisagens, formando vales deliciosos. O jardim é simples e sente-se, logo à entrada, que não foi desenhado por um jardineiro de mente científica, mas por um coração sensível que ali queria desfrutar

de si próprio. Já chorei muita lágrima pelo ente desaparecido no gabinetezinho meio em ruínas que era o seu lugar preferido — e o meu também. Em breve ficarei senhor do jardim; o jardineiro é-me dedicado, tanto quanto me foi dado ver estes dias, e não se sentirá mal por isso.

10 de maio

Uma alegria maravilhosa invadiu-me a alma, tal como as doces manhãs de primavera que gozo de coração inteiro. Estou só e contente com a vida nestas paragens, feitas para almas como a minha. Sou tão feliz, meu caro, assim mergulhado no sentimento de uma existência tranquila, que a minha arte sofre com isso. Não era capaz de desenhar agora, nem um traço, e, no entanto, nunca fui tão bom pintor como nestes momentos. Quando o vale ameno, à minha volta, parece fumar, e o Sol, alto, repousa na escuridão impenetrável da minha floresta e só um ou outro raio se atrevem no interior do santuário, deito-me na erva comprida junto do regato em queda e, bem chegado à terra, apercebo-me com estranheza dos milhares de ervinhas diferentes que por ali crescem; quando sinto, perto do coração, o formigar do pequeno mundo por entre os caules e as inúmeras insondáveis figuras dos vermezinhas, sinto a presença do Todo-Poderoso que nos criou à sua imagem, o sopro do amor infinito que nos sustém e transporta em deleite eterno; quando vejo o crepúsculo descer, meu amigo, e o mundo à volta e o céu descansam na minha alma qual imagem da bem-amada — então é grande a minha ânsia e penso: ah!, pudesses tu dar expressão a isto, pudesses

tu insuflar no papel a vida ardente e plena que existe em ti, para que ele se tornasse espelho da tua alma, tal como a tua alma é espelho do Deus infinito! Mas a verdade, meu amigo, é que isso me deixa aniquilado, e acabo por sucumbir ao poder destas vivências esplendorosas.

12 de maio

Não sei se são espíritos enganadores que pairam sobre esta região, ou se é a fantasia ardente e divina no meu coração que torna tudo tão paradisíaco. Há ali, mesmo antes da vila, uma fonte à qual estou preso como Melusina às suas irmãs. Desces uma pequena colina e vais dar a uma gruta de onde partem uns vinte degraus; lá bem no fundo brota das rochas de mármore a água mais límpida que possas imaginar. O murete que, em cima, cerca a fonte, as árvores que cobrem o terreno à volta, a frescura do lugar, tudo isto tem algo de muito atraente, mas igualmente assustador. Não passa um dia em que não me sente lá uma hora. Então vejo chegar as moças da vila que vêm à água, tarefa tão inofensiva quanto necessária, outrora cumprida pelas próprias filhas de reis. Quando ali estou sinto a ideia patriarcal bem vívida à minha volta, imagino os patriarcas, todos eles, travando conhecimento junto da fonte e combinando casamentos, vejo espíritos benfazejos sobrevoando fontes e nascentes. Quem não for sensível a este mundo jamais gozará a frescura da fonte depois de uma penosa caminhada em dia de verão.